

Sarney acha que o conflito é inevitável

OLGA CURADO
Enviado especial

NOVA YORK — O presidente José Sarney reconheceu ontem que, à medida que o Brasil cresce, "vai ocupando espaço e entrando em áreas de conflito, não apenas com os Estados Unidos, mas também com outros países, da Europa, e o Japão". Ele anunciou a intenção de visitar esses mesmos países, até o final de seu mandato, "para dar seguimento à política externa brasileira, que hoje tem menos retórica e mais ação".

Sarney recebeu ontem os jornalistas na suíte do Hotel Intercontinental e, ao fazer uma avaliação do que significou sua visita aos Estados Unidos, disse que cumpriu seu dever, "mostrando o Brasil". Como resultado dessa tarefa, acentuou, ficou estabelecido um clima importante para a compreensão, pelos Estados Unidos, da situação brasileira. Nesse esforço para demonstrar o que o governo brasileiro vem realizando, observou, um momento importante foi a visita que fez ao Congresso, onde falou em sessão conjunta aos representantes do Legislativo.

Outro tema que mereceu desta-

que do presidente Sarney foi a questão das propostas americanas quanto à ida do Brasil ao Fundo Monetário Internacional (FMI), condição apontada pelo governo Reagan para que o País renegocie sua dívida com os credores. Sarney reiterou que "a posição brasileira é bastante clara a este respeito", reafirmando sua preocupação por tratamento diferenciado: "Cada país tem suas peculiaridades".

"Todos os acordos estavam sendo negociados quando cheguei ao governo. O presidente Tancredo Neves, quando esteve aqui, sofreu inúmeras pressões, mas nós fizemos opções pelo crescimento sem recessão. As fórmulas que vinham sendo propostas não tinham dado resultados e nós preferimos buscar outro caminho."

A seu ver, "o Brasil cumpriu o seu papel, defendendo suas posições de maneira clara". Não avaliou se a determinação de seu governo de não recorrer ao FMI e buscar tratamento diferenciado das regras que os norte-americanos pretendem impor poderá chegar a um impasse no futuro das negociações. O Brasil, insistiu, não pode optar pela ortodoxia em detri-

mento do crescimento econômico e social: "Não temos outra linguagem para falar da dívida. Quando assumimos o governo, o assunto era tratado pela comunidade internacional co-

mo sendo política e com implicações sociais. Acharmos que a nossa linguagem deve levar em conta a conotação política e essa posição ganha espaços". Segundo Sarney, "cada vez

Leitura e oração

HUGO STUDART
Enviado especial

NOVA YORK — Visita a uma biblioteca pública, a frustrada tentativa de rezar, uma rápida entrevista a um grupo de jornalistas e um coquetel à imprensa antes do embarque de volta ao Brasil. Assim foi gasto o tempo do presidente Sarney em seu último dia da visita oficial aos Estados Unidos. Ele não quis fazer nenhuma incursão pelo comércio, como costumam fazer quase todos os brasileiros que visitam os EUA. E como costumava fazer o ex-presidente João Figueiredo.

Sarney permaneceu em sua suíte até as 9h45, quando se dirigiu à biblioteca pública. Sua primeira atitude foi tentar saber pelo computador quantas obras brasileiras estão indexadas. São

5.950 títulos. Quatro deles de Sarney — Norte das Águas, Marimbondos de Fogo, Parlamento Necessário e Governo e Povo —, que o diretor da biblioteca tratou de adquirir quando o presidente incluiu-a no seu roteiro.

À saída, ganhou de presente dos diretores da biblioteca a estatueta de um leão, e dona Marly um lenço. Depois seguiu imediatamente para a igreja de São Patrício, ajoelhou-se ao lado da mulher e iniciou uma oração, mas foi interrompido pela música. Havia um casamento e a noiva acabara de chegar. Em seguida, retornou ao hotel. Dez minutos depois estava dando entrevista a um pequeno grupo de jornalistas, levados pelo porta-voz Fernando Mesquita. Às 17h30 ofereceu um coquetel à imprensa e, às 22 horas, embarcou de volta ao Brasil.

mais o Brasil ganha importância internacional" quando demonstra os resultados que vem obtendo internamente.

BOMBA ATÔMICA

A questão da opção brasileira pela utilização da energia nuclear com fins pacíficos foi retomada pelo presidente Sarney, que lembrou ser o Brasil signatário do Tratado de Tlatelolco. "Num país como o Brasil, que assumiu esse tratado, não podia ter, e estamos propondo isto na desmilitarização do Atlântico Sul, uma opção pela bomba atômica. O Brasil jamais se engajará nesse projeto" — ressaltou.

O presidente lembrou o encontro que teve na véspera com o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, a quem lembrou a proposta brasileira de ter no Atlântico Sul uma zona de paz. Na sua opinião, esta proposta brasileira vem recebendo boa acolhida entre os vários países consultados. Até agora, continuou, o trabalho da diplomacia brasileira tem sido o de buscar apoio dos países diretamente interessados no assunto, como os africanos que têm suas costas voltadas para o Atlântico

co Sul. Acrescentou não conhecer ainda a posição dos Estados Unidos sobre o tema, mas manifestou-se otimista quanto ao sucesso da iniciativa, que, notou, deve ser aprovada nas Nações Unidas.

RACIONALIDADE

"Não podemos fazer uma avaliação da visita, levando em conta o que estaremos trazendo de volta ao Brasil — assinalou ainda o presidente. — O Brasil tem relacionamento amadurecido e pretende ser visto no mundo inteiro, é um País que age e discute com racionalidade, defendendo os interesses brasileiros."

O presidente José Sarney disse ainda que "o Brasil está abandonando a política de retórica e agindo". Aliás, dentro desse contexto de busca de respeitabilidade internacional, observou que o País está empenhado também em buscar parcerias políticas dentro da própria América Latina, lembrando os vários acordos que foram assinados com a Argentina e o Uruguai. Mas, enfatizou, "o Brasil não deve se alinhar a nenhuma política global. Não somos caudatários de grandes potências nem de pequenos conflitos".